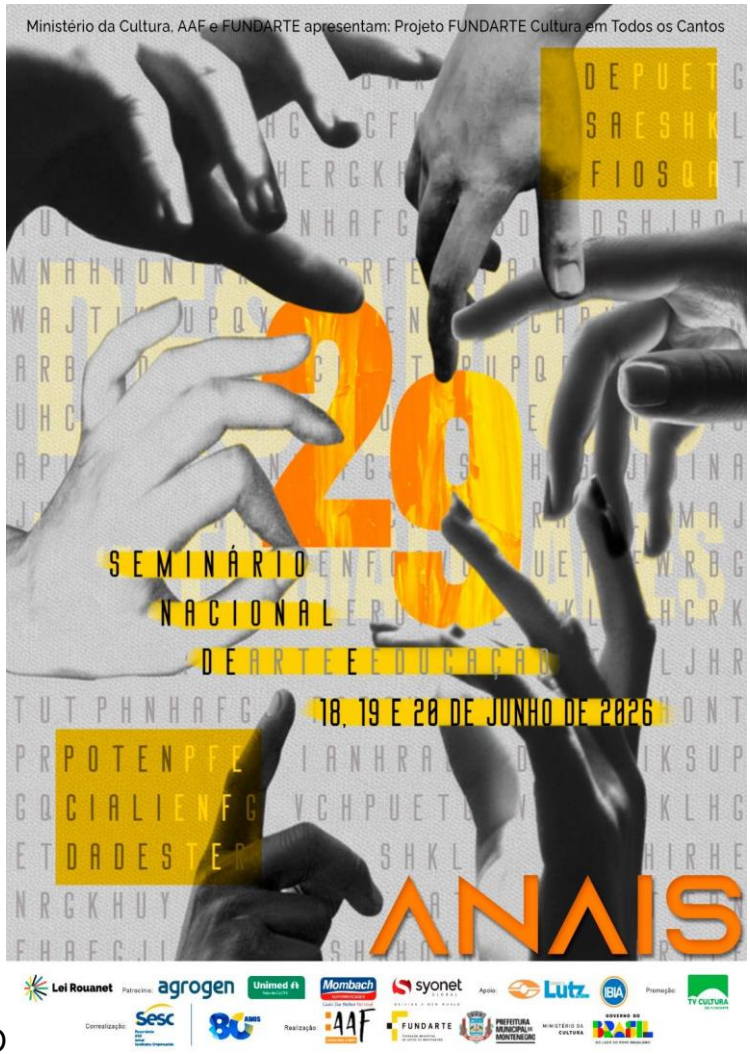

Ó

RELATANDO TECNOLOGIAS DA ARTE-EDUCAÇÃO AMAZÔNIDA: UM ATELIÊ-LABORATÓRIO NOSSO E PARA TODES

Andreza Machado
(Universidade Federal do Pará - UFPA, Belém/Pará, Brasil)

Isabela Miranda de Azevedo
(União Brasileira de Faculdades - UniBF , Paraíso do Norte/Paraná, Brasil)

Raquel de Jesus Freitas
(Universidade Federal do Pará - UFPA, Belém/Pará, Brasil)

Eixo temático: Acessibilidade, Tecnologias e Sustentabilidade

MACHADO, Andreza. AZEVEDO, Isabela. FREITAS, Raquel. **RELATANDO TECNOLOGIAS DA ARTE-EDUCAÇÃO: UM ATELIÊ-LABORATÓRIO NOSSO E PARA TODES**. **Anais** 29º Seminário Nacional de Arte e Educação da FUNDARTE-ISSN 2359-6120.. Montenegro, e1958, Ano 2026.

Resumo

Este relato tem como tema experimentações da arte-educação na criação de um ateliê-laboratório elaborado e executado pela equipe educativa do Centro Cultural Bienal das Amazônias (CCBA). As tecnologias do experimentar, criar e solucionar demandas através do fazer artístico são elementos essenciais para execução do ateliê em um barco-obra e em um espaço expositivo cultural. A experiência indica que ter um espaço educativo aberto ao público possibilita ampliação da acessibilidade, sustentabilidade e inovação nas tecnologias da democracia cultural, possibilitando acessos, diálogos e empoderamento de perspectivas de mundo para públicos diversos. As práticas criativas apontam um caminho para a arte-educação contemporânea dialogando com tradições da mediação cultural e ampliando possibilidades de desenvolvimento da arte-educação em espaços não formais.

Palavras-chave: arte-educação; ateliê; tecnologias amazônicas.

1. Para além da apreciação um ateliê-laboratório na busca pela criação

Dialogando com a temática do 29º seminário nacional de arte e educação que instiga o debate entre os desafios e as potencialidades da arte e educação, este relato de experiência visa explanar a vivência de construção e execução de um ateliê-laboratório por uma equipe de arte-educação voltada à elaboração de programas educativos em um espaço expositivo das artes visuais. Esta equipe, em parte aqui autoras, tem como local de execução de trabalho o Centro Cultural Bienal das Amazônias (CCBA), um espaço expositivo, também terreno de experimentação da arte-educação não formal.

O espaço da arte-educação a ser explorado aqui como possibilidade é o terreno de um centro cultural localizado em uma das capitais da Amazônia, o CCBA, centro este fruto de um projeto que se pretendia ser um evento bienal, e tornou-se centro de cultura. Um espaço expositivo construído em cima de uma antiga loja de departamentos no centro comercial de Belém do Pará, com cerca de 8 mil metros quadrados de área expositiva, áreas de convivência e um ateliê como espaço educativo aberto ao público diariamente.

O ateliê-laboratório surge da necessidade de fazer a arte-educação integrada ao espaço expositivo, durante a II Bienal das Amazônias, ocorrida em 2025. A

reivindicação partiu da necessidade de integrar o público aos eixos curatoriais temáticos da edição. Os eixos foram pensados a partir dos sonhos, memórias e sotaques. Eixos estes presentes na distribuição e curadoria das obras. Diante deste universo houve o desafio à nossa equipe de arte-educação, como convidar o público visitante a mergulhar nestes conceitos, explorá-los e imaginar possibilidades de mundo a partir deste contato com as obras? A primeira resposta vinha das experiências anteriores: uma equipe de mediação multidisciplinar composta por integrantes estudantes das artes visuais, antropologia, museologia, história e ciências sociais e além do universo acadêmico educadores das diversas educações não formais, como líderes de movimentos sociais urbanos e rurais. Uma equipe diversa em raça, gênero, sexualidades, formações e experiências. Esta equipe é responsável pelo acolhimento do público, partindo da escuta e partilha do conhecimento.

No entanto, o que fazer depois que já pensou, dialogou sobre a obra? um indicativo: agir sobre o universo em que ela habita. Para isso, um convite à ação.

E este convite também foi o acúmulo de experiências que indicou o caminho. A prática deste formato educativo de "Ateliê Aberto" foi em princípio testada em um projeto anterior, no barco exposição do projeto "Bienal das Amazônias sobre as Águas", onde a aplicação aconteceu no centro de Belém, o barco esteve ancorado na Escadinha do Cais do porto, entre os meses de fevereiro a março de 2025. Houveram 4 atividades no formato "Ateliê Aberto", com 3 propostas diferentes.

Enquanto arte-educadora Isabela Miranda, ministrei a proposta de atividade intitulada "Desenho de observação: duas propostas sobre as águas", com a ajuda da minha colega arte-educadora Andreza Machado, com o objetivo explorar o desenho a partir da observação da Baía do Guajará do ponto de vista do Barco Obra de arte. A atividade aconteceu em uma tarde ensolarada, o que contribuiu para um bom número de participantes em apenas 01h:30 minutos de atividade. A atividade aconteceu no 3º deque do barco, com dez (10) cadeiras simultaneamente disponíveis para os participantes; os materiais utilizados foram papel A4 comum branco, lápis de cor, giz de cera, giz pastel a óleo, lápis grafite, borracha. Na imagem a seguir é possível visualizar a atividade em execução.

Figura 1 – Bienal sobre ás águas



Fonte: Reportagem Jornal DOL. Foto: Mauro Ângelo(Diário do Pará), 2024.

Na prática, foi muito interessante observar como as faixas etárias de grupo se atraem, como crianças produzindo chamam outras crianças, e em outro momento, jovens adultos atraem seus pares. Houve vinte e cinco (25) participantes naquela tarde. Neste mesmo dia foi gravada uma entrevista explicando para o público um pouco deste processo da metodologia de Ateliê aberto; “A ideia do Ateliê é permitir que visitantes expressem suas percepções a partir do contato com o barco e sua estética vibrante, funcionando como um ateliê-laboratório no terceiro andar” (OLIVEIRA, Jornal DOL, 2024).

Foi neste momento que a proposta de ateliê enquanto sinônimo de laboratório foi executada na prática. O fato de ter o nome “aberto” significa estar disponível para todas as faixas etárias e tipos de pessoas dentro de seus limites para participar, onde a equipe de arte-educação está disponível para melhorar essa comunicação e atuar como o facilitador desta atividade.

Com esta experimentação do “Ateliê aberto” no projeto Bienal sobre águas, foi possível imaginar ações educativas para além da apreciação, mas instigando a criação. Buscando tal possibilidade, a equipe educativa elaborou para a II Bienal das Amazônias o ***ateliê dos sonhos, memórias e sotaques*** que funcionou como um espaço vivo dentro da exposição, onde o público criou intervenções artísticas, a partir de perguntas ativadoras. Durante cada eixo *(Sonhos, Memórias e Sotaques)*,

que se distribuíram, respectivamente, nos meses de setembro, outubro e novembro de 2025, foram realizadas propostas de invenções tecnológicas artístico-educativas neste ateliê.

As ações foram direcionadas para o público, que após visitar as obras da II Bienal das Amazônias, se encontravam sensibilizados pelo que testemunharam sozinhos ou guiados pela nossa equipe de mediadores e em seguida eram convidados pela equipe de arte-educadores a criar a partir do universo das obras. O espaço era apresentado, seu propósito e o convite à criação era realizado a partir das perguntas ativadoras, que correspondiam ao eixo temático mensal servindo como indutoras de criação. O serviço esteve disponível durante 4 horas diárias dentro do horário de funcionamento do prédio para visitação à Bienal.

As criações exploraram técnicas do desenho, pintura, escritura, criação e gravação de sons. A seguir descrevemos como foram distribuídos os eixos temáticos e as perguntas ativadoras. Também disponibilizamos imagens para ilustrar os resultados obtidos.

Eixo de setembro: sonhos (RIO DE SONHOS)

Perguntas ativadoras que ficaram escritas em uma pipa na entrada do espaço educativo, das eram: quais são os seus sonhos? com que você sonha? com o que você sonhou hoje? Qual sonho mais marcante que você já teve? Qual a diferença de sonho para pesadelo? O sonho tem cor e cheiro?

Figura 2 – Ateliê com tema de Sonhos



Fonte: Arth Silva, (2025).

***Figura 3* — criações dos sonhos**



Fonte: Ana Dias, 2025.

Eixo de outubro: memórias (ÁRVORE DE MEMÓRIAS)

Perguntas ativadoras: Quais são suas memórias? Quais são suas memórias com os rios? Qual a memória mais feliz que você lembra? Qual a memória mais triste que você lembra?

Figura 4 – Ateliê com tema de Memórias



Fonte: Andreza Machado, (2025).

Eixo de novembro: sotaques (CACOFONIA DOS SOTAQUES)

Perguntas ativadoras: como você sente os sotaques? Quais são os seus sotaques? Quais os sotaques ao seu redor? Quais os sotaques do corpo? Quais os sotaques da cidade? Quais sotaques das águas?

Figura 5 – Ateliê com tema de Sotaques



Fonte: Madson Santos, (2025).

A proposta foi que ao finalizar a sua criação o visitante - se desejasse - pudesse expor sua obra-intervenção no próprio ateliê em um espaço apropriado assim, propondo uma obra-educativa na qual é criada em conjunto com o próprio público. Onde cada eixo teve seu próprio painel expositivo e assim como proposta de uso de suportes diferentes de produção artística. Em 2025, o quantitativo de público recebido no *Ateliê dos sonhos, memórias e sotaques,* foi de 967 pessoas participantes nas atividades.

1.1 Novas tecnologias a partir das gambiarras, um diálogo entre arte-educação e Emmanuel Nassar

No ano de 2026, o ateliê passou a desenvolver uma nova proposta experimental chamada Gambiarras Educativas, inspirado no conceito de gambiarras construído

nas obras de Emmanuel Nassar, artista convidado a expor no CCBA em 2026. A ideia era utilizar atividades educativas capazes de proporcionar aos participantes experiências de criação e experimentação com materiais simples. A equipe elaborarou propostas que dialogavam com essa perspectiva experimental. As ações educativas seguiram a seguinte ordem: colagem usando o papel kraft como suporte, marcador de páginas, lettering, tags graffiti, stickers e botons com tampinhas de garrafa.

A diversidade de ideias e ações educativas nos leva a refletir sobre as diferentes formas de interação e experimentação do público.

O quantitativo de público no Ateliê das Gambiarras foi que se iniciou no final de março até o momento presente (10 de maio de 2026) da escrita deste trabalho, de 271 participantes que assinaram no caderno de presença.

2. Narrativas do cotidiano da arte-educação, ateliê, acessibilidade e sustentabilidade

Vivenciamos diversas experiências no espaço do ateliê e suas formas, e uma delas diz respeito à acessibilidade. Quando nós, arte-educadores, desenvolvemos qualquer ação educativa, pensamos no campo da acessibilidade e sustentabilidade. Buscamos construir diálogos que permitam alcançar pontos em comum entre diferentes pessoas e experiências. O ateliê é um espaço experimental no qual cada arte-educadora desenvolve sua própria metodologia e didática, desde a organização do ambiente até a realização da ação educativa.

Para mim, arte-educadora Andreza Machado, o ateliê me proporcionou experiências sensíveis. Uma delas ocorreu durante a II Bienal das Amazônias, em 2025, quando atuava no espaço educativo. Em um domingo, após o encerramento das atividades do ateliê, um segurança do espaço informou que havia um adolescente e sua avó no espaço educativo e que ele gostaria de desenhar. Comuniquei a situação à minha colega arte-educadora e me dispus a atendê-los. Fui até eles e me apresentei. Para minha surpresa, o garoto já possuía seus próprios materiais de desenho, faltava apenas uma folha de papel em branco. Dirigi-me à sala do educativo para buscar o material e expliquei a proposta da atividade.

Durante a execução da atividade de desenho, conversei com sua avó, que me contou que ele era um jovem autista e enfrentava algumas dificuldades em ambientes escolares regulares, especialmente em relação aos estímulos sonoros, que frequentemente lhe causavam desconforto. Também foi relatado que a visita à exposição de arte havia sido sugerida por sua psicopedagoga. Foi uma experiência sensível e afetiva, assim como tantas outras que vivi naquele espaço.

No ano de 2026 tenho vivenciado experiências marcantes, como a recepção de um grupo agendado para visitar as exposições de arte do espaço cultural. Alguns participantes eram vinculados ao Hospital Universitário João de Barros Barreto, em Belém (PA). Todos os grupos agendados têm a possibilidade de participar das atividades do espaço educativo, mas orientamos que a mediação seja concluída primeiro no espaço expositivo. Em seguida, o grupo é convidado a participar da atividade proposta. Os arte-educadores apresentam o funcionamento do espaço e explicam a atividade.

A dinâmica do ateliê prevê que a cada duas semanas, uma nova proposta educativa seja desenvolvida. Assim, durante um mês, duas ações distintas poderão ser realizadas. Cada ação educativa foi pensada como um campo de experimentação, sendo fundamental a avaliação posterior do público para o amadurecimento das ideias e o aprimoramento das experiências propostas pela equipe.

A atividade do boton surgiu a partir de uma ideia desenvolvida por mim, arte-educadora Andreza. A ação educativa consiste em utilizar tampinhas de garrafa para produzir botons personalizados, ressignificando um objeto cotidiano por meio da criação artística. A proposta estimula a experimentação com materiais simples e acessíveis, permitindo que cada participante desenvolva um boton único com desenhos, palavras ou pequenas frases.

O grupo que recebemos possuía participantes com idades entre 20 e 80 anos. Havia também responsáveis acompanhando a turma. A maioria participou da atividade. Expliquei a proposta e achei especialmente interessante trabalhar com esse grupo devido à presença significativa de pessoas idosas. Minha didática baseou-se principalmente na escuta e no diálogo, enquanto a outra arte-educadora auxiliava os demais participantes.

Foi uma atividade que gerou conversas, curiosidades e experimentações. Quando penso em minhas propostas educativas, procuro considerar o público de forma ampla e diversa. A equipe do educativo preparou previamente toda a estrutura do boton, deixando-o montado para que os participantes pudessem dedicar-se exclusivamente à intervenção artística. O objetivo era garantir que todos pudessem personalizar seus próprios botons de acordo com suas possibilidades, valorizando a criatividade, a autonomia e a experimentação artística.

Ao final da experiência, os participantes demonstraram satisfação com a atividade. Alguns comentaram que pretendiam reproduzir a proposta com seus filhos e netos. O retorno do público é muito importante para a equipe do educativo. Ouvir que as atividades aprendidas no ateliê serão compartilhadas em outros contextos é algo gratificante

As experiências vivenciadas por cada arte-educador no espaço educativo são únicas e significativas. Nossas reuniões semanais constituem momentos de escuta e partilha, nos quais cada integrante relata acontecimentos marcantes da semana. É por meio dessa escuta que percebemos a construção contínua do diálogo, das aprendizagens e das relações que atravessam o fazer educativo. Estas experimentações tiveram como princípio a sustentabilidade desde o fazer humano aos materiais utilizados.

3. Para não concluir

Um espaço de acolhimento, diálogo, trocas, encontros, afetividades e a reivindicação da arte como política essencial da vida, assim pensamos e executamos as experimentações no formato de ateliê. A arte-educação em espaços expositivos são terrenos de encontros de escuta, diálogo e vivências, a equipe educativa trás vida e criação a partir das obras e universos evocados por artistas. Mesmo com toda essa potencialidade são poucos os espaços culturais e museais que contam com um setor educativo estruturado e aberto ao público.

Em Belém, o CCBA é pioneiro em ações cotidianas da arte-educação e este fazer é inspirado na democracia cultural, onde a população não somente recebe o que deve ser apreciado, mas cria e tem agência dentro do espaço expositivo. Enquanto coordenadora educativa, eu, Raquel Freitas visualizo possibilidades de alcançar públicos diversos, buscando construções participativas e ampliando

cidadania.

Desde as equipes em suas diversidades e interseccionalidades ao público são direcionadas ações que visem ampliar o público apreciador e fazedor da arte contemporânea. O ateliê visa empoderar visões de mundo, em uma busca pela arte-educação permanente, sendo ferramenta para a população amazônica para sabermos mais de nós e dos outros. Nossas potencialidades e desafios são instigados nesta experimentação.

Os eixos escolhidos se entrelaçam entre acessibilidade, tecnologia e sustentabilidade, a experiência do ateliê proporcionou explorar a arte-educação e suas tecnologias de diálogo e técnicas artísticas. Este relato é compartilhado com intenção de disseminar e inspirar as tecnologias da experimentação. E para não concluir, o público em contato com o ateliê sempre volta e com mais uma pessoa acompanhando, assim, se instaura a cultura de pertencimento aos espaços culturais.

Referências:

BARBOSA, Ana Mae. COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte/educação com mediação cultural e social**. Editora Unesp. São Paulo. 2009.

GABRIEL, Fábio Antonio. **Mediação: fundamentos e práticas educativas.** Editora InterSaberes, 2024.

OLIVEIRA, Even. JORNAL DOL. **Bienal das Amazônias vai até o dia 28. Veja a programação!**. Disponível em: https://dol.com.br/noticias/para/894934/bienal-das-amazonias-vai-ate-o-dia-28-veja-a-programacao. Acesso em: 3 mai. 2026.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Editora: Vozes Ltda. Petrópolis, RJ 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática educativa.** 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Nome do Autor: Andreza Pereira Machado

Minibiografia:Pós graduanda Práticas Pedagógicas Inclusivas -UFPA. Pós-graduada em Linguagens e Artes na Formação Docente- IFPA. Graduada em Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais e Tecnologia da Imagem pela Universidade da Amazônia (2017). Atuo na Equipe do Educativo como arte-educadora e mediadora cultural no Centro Cultural Bienal das Amazônias-

CCBA.Atuei na mediação cultural da 1 Bienal das Amazônias (2023) Atuei na na mediação cultural do Diário Contemporâneo de Fotografia (2021)Atuei na mediação cultural do Arte Pará(2018). Atuei como arte-educadora no Projeto Bienal das Amazônias sobre as águas(2025) e Atuei como arte educadora na 2 Bienal das Amazônias(2025).Atuei como professora voluntária no Cursinho Ágora (2018). Trabalhei na Escola: Innstituto De Educação Santta Rita como professora de artes (2022 até junho de 2023). Produzo um Podcast ÉGUA, ISSO É ARTE? desde 2020.
ORCID: https://lattes.cnpq.br/6487968356396185
E-mail:gemeas.andrea@gmail.com

Nome do Autor: Isabela Miranda de Azevedo
Minibiografia: Recém formada em Formação Pedagógica em Artes Visuais, União Brasileira de Faculdades - UniBF (2026). Bacharela em artes visuais, Universidade Federal do Pará - UFPA (2022); Técnica em mosaico, Faculdade Católica de Belém - FACBEL (2017). Arte-educadora no Centro Cultural Bienal das Amazônias, atua no campo da mediação cultural desde 2019, e na área de produção artística, contribuindo para a difusão da cultura e educação por meio de exposições, oficinas e projetos artísticos. Ademais, produz desenhos, mosaicos, gravuras, esculturas em biscuit e tem expertise com modelagem em argila.
ORCID: https://lattes.cnpq.br/3128656326380584
E-mail: isabela.a.academica@gmail.com

Nome do Autor: Raquel de Jesus Freitas
Minibiografia: Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (2023); Especialista em promoção de políticas públicas em gênero e sexualidade na Amazõnia - PPGDDA UFPA (2025); Mestranda do Programa de sociologia e antropologia UFPA. Atualmente é coordenadora educativa do Centro Cultural Bienal das Amazônias, atuando também como produtora cultural de movimentos periféricos e das baixadas de Belém-PA.
ORCID: https://orcid.org/0009-0007-0988-1026
E-mail: raquelfcientistasocial@gmail.com